

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Alhanassof

Prof. Octavio Domingues

Prof. S. T. Piza Junior

Prof. Carlos T. Mendes

Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 10

Novembro-Dezembro de 1935

N. 11 - 12

U M A P Ê L O

Com este numero, correspondente ao ultimo bimestre de 1935, entra a nossa revista, no seu decimo anno de vida. Os propósitos com os quais ela se estreou são ainda os de hoje: divulgar entre os agronomos e os agricultores adiantados, a boa doutrina agricola ou zootecnica, o ensinamento util, a noção teorica ou utilitaria no campo das cogitações agronomicas. Nem teoria demasiada, nem noções terra a terra — tem sido a preocupação da nossa publicidade.

Quando imaginamos uma revista nos moldes desta, foi pensando — de um lado, na existencia de um bom numero de estudiosos, no terreno da agronomia, os quais não dispunham de um órgão com as características proprias que lhes servissem ao seu fim; e de outro lado, pensamos na grande maioria de profissionais agricolas, ansiosos por não perderem o contacto com as novas conquistas das sciencias agronomicas. Daí este elo entre aqueles que têm uma coisa de novo, ou de util a dizer, e os que na sua faina diaria, na sua actividade pratica precisam de um pão espiritual, prontamente assimilavel.

Para isso as nossas paginas continuam francas, como estiveram sempre abertas aos agronomos que necessitam espalhar em tórno de si, a sua ideia, a sua interpretação das leis agronomicas, o resultado das suas pesquisas e das suas observações. E isso sem limitação, sem coartar o pensamento dos nossos colaboradores, nos seus pontos de vista doutrinarios.

O saber só se esconde nos espiritos demasiadamente egoistas, ou naqueles providos de uma grande soma de covardia intelectual. Uns e outros constituem aquele tipo humano, tão

bem classificado por um dos nossos grandes escritores geonicos, sob o nome de "vacas que escondem o leite"...

Felizmente este tipo humano tem desaparecido muito, nos arraiaes agronomicos. Limitado, limitadissimo é o numero dos que hoje, entre nós, só pensam em escrever ou falar, após terem descoberto um novo sistema planetario... E maior é o rol daqueles que acham ser necessario expôr sempre, ao sol da publicidade, qualquer coisa de util, seja com o fim de dizer melhor o que já se disse ou já se fez imperfeitamente, seja com o intuito de passar adiante o proveito que possam ter os resultados de sua experimentação, ou de sua observação, seja com designio de agitar uma ideia, uma doutrina, chamando para ela a atenção dos estudiosos.

E nesse terreno, quanto temos que realizar! A pobreza da nossa literatura agronomica é conhecida e indiscutivel. Pobreza em quantidade e pobreza em qualidade. E si os agronomos, ciosos de seus deveres, diminuirem sua actividade no doutrimento escrito, maior será o numero daqueles que se atiram por aí escrever — a tôrto e a direito — como verdadeiros mimeografos cerebrais, enchendo os jornais, as revistas, os livros, de ideias nati-mortas, ou de ideias sem cabeça ou de ideias cabeçudas demais. E' que, si estão quasi mortos, extintos, os famosos "coroneis da agricultura", ainda é não pequeno o numero dos "pacheco-agronicos", inocuos á primeira vista, mas prejudiciais pelo lugar que ainda ocupam, obstruindo a renovação da nossa mentalidade agronomica, que não deve nem pode continuar a agitar-se, dentro de dois ou tres principios teoricos, e de outras tantas regras praticas, concebidas pelos agronomos do outro seculo.

Por isso, o apêlo que daqui dirijo aos trabalhadores das nossas colmeias agronomicas, para que venham dizer e divulgar o seu conhecimento adquirido, o fruto de sua actividade benfaseja. Só assim abafaremos as velhas vozes dos retardados, que fazem da publicidade agricola, a unica escada de sua propria fama, tão mal adquirida, assim. Aumentemos o côro das boas vozes para que se perca o coaxar das rãs que querem ser bois.

JOÃO ANDRE' ANTONIL